

Visão binocular e educação: a Ortóptica social inclusiva

A estreita relação entre as áreas da Ortóptica e da Educação não é uma novidade. Há muito, essa aproximação vem sendo empreendida, motivada pelos avanços ocorridos na segunda metade do século XX, promovendo a abertura ao diálogo nas ciências em geral e o reconhecimento da importância de se compreender o desenvolvimento humano como um processo complexo e influenciado por aspectos ecológicos e multidimensionais.

Na Ortóptica, o entendimento da visão binocular como um fenômeno complexo marca o início do que considero o quarto e atual ciclo de sua história. O século XXI situa o ortoptista em uma nova perspectiva de atuação profissional, abrindo-se ao diálogo transdisciplinar, para além dos limites físicos de seus consultórios, ampliando o seu papel na parceria com o médico oftalmologista, na promoção da saúde binocular e, especialmente, na busca por evidências científicas que fundamentem a sua contribuição para as demais áreas do conhecimento.

Ortoptistas pesquisadores, no Brasil e no mundo, voltam-se ao estudo da visão binocular e dos impactos ou custos sociais vivenciados por aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade ou diferença no controle

desse complexo sistema funcional. No entanto, são ainda em número reduzido e com pouca inserção em instituições universitárias e programas de pesquisa, havendo muito a conhecer e a pesquisar.

O impulso à pesquisa na área de Ortóptica requer a maior abertura de espaço ao ortoptista nos Programas de Pós-Graduação brasileiros, mas antes disso, a ampliação da formação desse profissional nas instituições de ensino superior de nosso país. Há uma enorme carência desse profissional no Brasil, o que acaba levando à existência de casos de atuação de pessoas sem formação em serviços de saúde visual, fato que representa grande risco à saúde dos pacientes, mas que desde 2008 passou a ser considerado uma prática em desacordo com o que determina o Ministério da Saúde.

Como pesquisadora e considerando o universo culturalmente plural brasileiro, venho promovendo a aproximação entre as áreas da Ortóptica e da Educação, pois a visão binocular é um importante instrumento para o desenvolvimento global do ser humano e fundamental ao processo de escolarização e de formação profissional. Nesse percurso, tenho procurado aprofundar o estudo dos diferentes aspectos binoculares relacionados ao processo de letramento e alfabetização dos sujeitos escolares culturalmente diversos de nosso País, com evidências que mostram a influência da experiência visual, culturalmente determinada, no processo de letramento, assim como a existência de custos visuais adicionais ao processo educacional de alunos marcados pela cultura oral, uma condição histórica de nossa tradição colonial.

A perspectiva ortóptica social inclusiva, aplicada aos alunos culturalmente diversos da escola brasileira, tem como meta reconhecer o sujeito da ortóptica em sua ecologia, sua especificidade visual e pluralidade, contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia, inclusão e plena cidadania, pela criação de políticas públicas de saúde e educação.

Em conclusão, vale citar o renomado

Vivian Kasué Andó Vianna Secin aplicando teste de estereopsia na aldeia Guarani Sapukai, em Angra dos Reis (RJ)



cientista francês Edgar Morin, autor da obra “A cabeça bem feita”, e seu convite dirigido a todos os pensadores da contemporaneidade, para se promover a abertura ao diálogo de modo “inter-poli-trans-disciplinar”, favorecendo a queda dos muros disciplinares erguidos no passado e o surgimento de novos entendimentos sobre os espaços de fronteira, engendrando novos saberes sobre o desenvolvimento humano. Em especial, sobre como a visão binocular está intimamente relacionada não somente ao processo educa-

cional, mas a todo o processo de interação do homem no mundo, influenciando suas tomadas de decisão, suas ações e o seu desenvolvimento global, sendo influenciado não somente por aspectos inatos, mas principalmente pela experiência de vida, atravessada por aspectos biopsicossociais, pela cultura e a história de cada um de nós.

Os ortoptistas fazem parte desse movimento, procurando instituir novas relações entre a Ortóptica e as demais áreas do conhecimento. Há muito ainda a fazer.... [GBO](#)

**(*) Viviam Kazue Andó
Vianna Secin**
**Graduação em Ortóptica
(IBMR-RJ), Mestre e Doutora em Educação (PROPED-
-UERJ), Coordenadora
do Curso de Ortóptica do
IBMR/Laureate (RJ)**



Oficina Guarani de acuidade visual



Banca de exame da tese de Vivian K. A. V. Secin

1. O primeiro ciclo da história da Ortóptica se relaciona ao nome do oftalmologista francês Louis Emile Javal (1864), ao introduzir a proposta de treinamento para a recuperação da visão binocular. O segundo, ao início do século XX, se associa ao nome do médico inglês Claude Worth que relacionou o estrabismo aos defeitos da faculdade de fusão binocular, contribuindo para o desenvolvimento da Ortóptica e o surgimento de suas primeiras escolas de formação. O terceiro ciclo se associa ao nome do oftalmologista inglês Ernest Edmund Maddox, que na segunda década do século XX estabeleceu a importância do diagnóstico e tratamento do estrabismo e suas consequências sensoriais, tais como a correspondência retiniana anômala e a supressão, criando inúmeros recursos diagnósticos e terapêuticos, usados até hoje pelos ortoptistas (cilindro de Maddox, Asa de Maddox, Queiroscópio, etc.), fazendo de sua filha Mary Maddox, no ano de 1919, a primeira profissional não médica a atuar na terapia binocular, ou seja, a primeira Ortopista. Vale ressaltar a importância do oftalmologista brasileiro Moacyr Álvaro, que na década de 1950 introduziu a formação em Ortóptica em nosso país (RASSI, 2010).

2. Desde 2008, a Política Nacional de Atenção em Oftalmologia (Portaria 957/08- Ministério da Saúde) reconhece a importância do profissional ortoptista

para a equipe multiprofissional de saúde visual, exigindo a formação em curso superior reconhecido pelo MEC e a filiação ao Conselho Brasileiro de Ortóptica. Esse importante marco legal, aponta a necessidade de se universalizar a oferta dos serviços ortópticos a todos os brasileiros e em todas as regiões do país. No entanto, há apenas um curso de formação para atender a demanda desse profissional, sendo hoje o IBMR/Laureate a única instituição de ensino superior brasileira a oferecer o Curso Superior de Ortóptica (Reconhecido pelo MEC: Portaria 159/83), recebendo estudantes provenientes de diferentes estados da nação. Isso é insuficiente para atender às recomendações internacionais de se democratizar o acesso à saúde binocular no mundo (Informe 2008 - Cátedra Salud Visual y Desarrollo: UNESCO, 2008).

3. O estudo interdisciplinar é apresentado na tese de Doutorado da autora, intitulada “Ortóptica, Oralidade e o Letramento: estudo descritivo e comparativo sobre a visão binocular dos indígenas Guarani Mbya da aldeia Sapukai (RJ)”, defendida em 22/02/2011 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED-UERJ), sob orientação do Prof. Dr. Luís Antônio Gomes Senna e com o apoio da FAPERJ.

“
**Há uma enorme
carência desse
profissional no
Brasil, o que
acaba levando
à existência de
casos de atuação
de pessoas
sem formação
em serviços de
saúde visual**
”